

Um chorão contumaz

BRASÍLIA – As lágrimas derramadas segunda-feira pelo senador José Roberto Arruda na tribuna do Senado não são novidade. Na capital federal, Arruda ganhou notoriedade por cair no choro toda vez em que se sente ameaçado.

A defesa emocional inclui juras de inocência e apelos à família. Ele costuma citar os filhos como penhor de sua inocência sempre que é alvo de denúncias.

O primeiro registro oficial do pranto do senador data de novembro de 1993. Faz parte de um inquérito do Ministério Público que investigava superfaturamento na construção do metrô de Brasília. Arruda era secretário de Obras do Distrito Federal. O autor do relato foi o arquiteto Carlos Magalhães.

Em 1993, Magalhães era respon-

sável pelo Instituto do Patrimônio Cultural e decidiu investigar a obra do metrô. Foi procurado por um angustiado Arruda, que temia ver sua carreira política destruída se o caso chegasse aos jornais. “A conversa

foi entremeada pelo choro compulsivo do doutor Arruda e por pedidos para que o depoente o salvasse”, contou o arquiteto aos procuradores. Presente à reunião, o delegado Paulo Castelo Branco, amigo de

Magalhães, não resistiu. Compôs um samba falando das lágrimas de Arruda. Mantém a letra em segredo.

Apesar dos apelos, as denúncias chegaram à imprensa e, meses mais tarde, à CPI do Orçamento, no Congresso. “Arruda telefonava para os parlamentares em pranto. Chorava alto, falava dos filhos e jurava inocência”, conta o ex-deputado Sigmaringa Seixas, integrante da comissão parlamentar de inquérito.

A violação do painel trouxe de volta as lágrimas. Na sexta-feira passada, Arruda chorou abraçado ao ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga. Em nenhum momento, entretanto, o apelo emocional foi tão forte quanto no discurso de segunda-feira. Em 42 minutos de “auto-humilhação”, como ele mesmo descreveu, as lágrimas surgiram seis vezes.

LÁGRIMAS PASSADAS

PARA EVITAR DENÚNCIA DE ENVOLVIMENTO EM CORRUPÇÃO NAS OBRAS DO METRÔ:

O autor do relato foi o arquiteto Carlos Magalhães, que em 1993 decidiu investigar o metrô. Foi procurado por Arruda. “A conversa foi entremeada pelo choro compulsivo do doutor Arruda e por pedidos para que o salvasse”, contou Magalhães. O delegado

Paulo Castelo Branco, amigo do arquiteto, compôs um samba falando das lágrimas.

DURANTE A CPI DO ORÇAMENTO:

Apesar dos apelos, as denúncias chegaram à CPI do Orçamento. “Arruda telefonava para os parlamentares em prantos. Chorava alto, falava dos filhos e jurava inocência”, conta o ex-deputado Sigmaringa Seixas.